

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM CONTEXTO DE DISLEXIA: UM RELATO REFLEXIVO BASEADO EM MAPAS MENTAIS ¹

Alice Gomes da Cunha²

RESUMO: Este relato abordará as experiências vivenciadas em aulas particulares de Língua Portuguesa junto a um aluno disléxico, abordando o uso de metodologias ativas como ferramenta de auxílio de aprendizagem. O objetivo deste trabalho é refletir sobre uma experiência exitosa através de aulas de atendimento individualizado e direcionadas a dirimir as dificuldades do aluno, a fim de fornecer aos professores e discentes perspectivas, estratégias e ferramentas de como lidar e adaptar suas atividades para trabalhar determinados objetos de ensino junto a alunos com dificuldades de aprendizagem, em especial a dislexia. Buscamos, também, refletir sobre a importância da democratização do acesso à inclusão educacional. Alicerçada nas experiências vividas nestas aulas, em reflexões pessoais, no contexto escola-família e em pesquisas da Associação Brasileira de Dislexia (ABD), este relato também busca enfatizar a necessidade de incluir meios de adaptação do ensino da Língua Portuguesa para alunos com transtorno de aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Aula particular; Dislexia; Metodologias Ativas.

RESUMEN/ABSTRACT: Este informe abordará experiencias en clases privadas de lengua portuguesa con un estudiante disléxico, coincidiendo en el uso de metodologías activas como herramienta de ayuda al aprendizaje. El objetivo de este trabajo es difundir una experiencia exitosa a través de clases individualizadas orientadas a la resolución de dificultades de los estudiantes, con el fin de brindar a los docentes perspectivas, estrategias y herramientas sobre cómo abordar y adaptar sus actividades para abordar determinados objetos de enseñanza con estudiantes con dificultades., especialmente dislexia. El texto se basará en experiencias vividas en estas clases, reflexiones personales, en el contexto escuela-familia y en investigaciones de la Asociación Brasileña de Dislexia (ABD). Este informe también busca enfatizar la necesidad de incluir nuevos medios para adaptar la enseñanza de la lengua portuguesa a los estudiantes con problemas de aprendizaje, especialmente aquellos que afectan directamente a su aprendizaje.

PALABRAS CLAVE: Clase privada; Dislexia; Metodologías Activas.

Considerações Iniciais

Inicialmente, faz-se necessário conceituar a dislexia, um transtorno de aprendizagem que representa dificuldades no processamento fonológico e lexical, afetando diretamente a leitura, a escrita, a soletração e ortografia do aluno durante e após o processo de aquisição de linguagem. Além disso, há possibilidade de alterações relacionadas à concentração e à atenção, à memória de curto prazo e operacional, à organização e ao sequenciamento de

¹ Trabalho apresentado na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, ministrada pelo Prof. Dr. Ewerton Ávila dos Anjos Luna, como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras – Português e Espanhol da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, sob orientação da Prof. Dra. Tatiana Simões e Luna. E-mail: tatiana.luna@ufrpe.br

² Graduanda em Licenciatura em Letras Português – Espanhol pela UFRPE/SEDE. E-mail: alicecunha70@gmail.com

informações. O primeiro diagnóstico de dislexia surgiu há mais de cem anos, identificado pelo médico Oswald Berkhan, em 1881, e foi definido em 1887 por Rudolf Berlin, que tratou o termo dislexia como dificuldade com palavras (Nico; Gonçalves, 2020, p.11).³

Atualmente, segundo a Associação Brasileira de Dislexia (ABD), é um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e soletração. É possível classificá-la de duas maneiras: dislexia do desenvolvimento, que não provém de nenhuma doença neurológica ou psiquiátrica, e a inteligência não é afetada – situando-se no nível médio; e a dislexia adquirida, que é decorrente de uma lesão do lado esquerdo do cérebro, logo a pessoa não nasce com essa dificuldade (Nico; Gonçalves, 2020, p.128).

O tipo de dislexia que será discutido neste trabalho será a Dislexia do Desenvolvimento, nomeada na Classificação Internacional de Doenças (CID-10) como transtorno específico de leitura – F81.0, sendo uma condição hereditária que se manifesta de maneira singular, dependendo das manifestações individuais associadas às diferentes personalidades que cada um possui.

Os diagnósticos de dislexia seguem sendo cada vez mais recorrentes. Segundo a Associação Brasileira de Dislexia (ABD), a dislexia do desenvolvimento afeta entre 10% e 15% da população brasileira (Nico; Gonçalves, 2020, p. 11) e, mesmo sendo foco de muitos estudos, traz bastante dificuldade para os professores de Língua Portuguesa que, em geral, não tiveram nenhum estudo específico sobre esse transtorno em sua formação inicial, nem mesmo em cursos de formação continuada, salvo aqueles que cursaram especializações vinculadas à área da educação inclusiva.

Além disso, ainda não é comum identificar diretamente ações efetivas, nas salas de aula em geral, que adequem e diversifiquem o ensino da Língua Portuguesa para uma aprendizagem efetiva dos alunos neurodivergentes. Dito isso, este relato buscará apresentar as experiências que desenvolvi, até então, como professora em formação no curso de Letras, ao buscar atender as

³ No guia prático *Como lidar com a dislexia* (2020), as autoras Maria Ângela Nogueira Nico e Aurea M. Stavale Gonçalves abordam a história da dislexia de maneira abrangente, realizando um trabalho antológico desde as primeiras postulações e definições da neurodivergência. Apoiar-nos-emos nas autoras ao longo da discussão apresentada, creditando fiabilidade crítica.

demandas de um aluno com esse transtorno e os meios que utilizei para ajudá-lo a superar suas dificuldades.

A experiência particular de lidar com o ofício do ensino da Língua Portuguesa a um aluno disléxico, que em nenhum momento antes foi apresentada a mim, como acadêmica de licenciatura, trouxe questionamentos pessoais que levaram à construção deste trabalho. Enquanto discente, tais questionamentos formaram a necessidade de um melhor preparo para como docente poder enfrentar essas dificuldades, que podem ser muito maiores quando o aluno está inserido no contexto de sala de aula, refletindo-se não apenas nos seus resultados, mas também no seu aprendizado.

O aluno considerado objeto deste estudo será Francisco, estudante de uma escola particular de classe média-alta da Zona Norte do Recife⁴. Neste caso, é importante ressaltar a situação financeira favorável familiar e a sua estrutura, pois o auxílio profissional e o processo para obtenção do laudo são custosos e afetam diretamente o tratamento e a superação das dificuldades. O acompanhamento em formato de aula particular com Francisco realizado por mim teve início em maio de 2022 e estende-se até o presente momento, março de 2025, sem interrupções. Ele também é auxiliado por profissionais especializadas, como fonoaudióloga e psicopedagoga, além de outra professora particular, devido ao alto fluxo de atividades demandado pela escola.

É importante acrescentar a este relato o suporte familiar que o aluno tem centrado na figura de sua mãe, Juliana, que busca sempre apoiá-lo emocionalmente e é a principal organizadora de sua vida escolar. Seus esforços estão presentes desde as atividades de casa até os variados resumos e desenhos que cria para que Francisco consiga compreender o assunto e obter êxito nas atividades.

Durante esses anos, variados foram os problemas que surgiram com a instituição de ensino, principalmente com adaptação de provas, com tempo extra para realizá-las e com a cessão de um leitor, e não existiu um único desses momentos em que Juliana não tenha ido à escola exigir os direitos garantidos a Francisco como estudante com dislexia.

⁴ Todas as informações apresentadas neste relato foram previamente autorizadas pela família do aluno.

Esses direitos são garantidos pela Lei Federal 14.254, de 30 de novembro de 2021 (Brasil, 2021), que dispõe sobre o acompanhamento integral para educandos com dislexia ou Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) ou outro transtorno de aprendizagem. É, acima de tudo, por causa de seus esforços em ajudá-lo que Francisco consegue realizar com êxito o que é proposto. Além da mãe, ele também conta com o amoroso apoio do seu irmão mais novo – também meu aluno, André, que está sempre incentivando seu irmão a vencer suas dificuldades nos estudos – incontáveis vezes ele foi o responsável por fazer Francisco não desistir de nossas aulas. Acompanhar a sua dedicação materna e o cuidado de seu irmão, além de inspirador, fez-me perceber o quão é necessária a participação ativa da família para o aprendizado de uma criança disléxica.

O caso de Francisco despertou o meu interesse, pois, logo quando iniciamos o seu acompanhamento particular, ele ainda não possuía um laudo conclusivo sobre a sua dislexia. A princípio, trabalhávamos buscando sempre a melhor forma de adaptar os materiais e assuntos enviados pela escola, mas sem uma maneira específica de ensiná-lo. O único prognóstico que tínhamos era que Francisco possuía déficit de processamento auditivo, afetando diretamente sua escrita, sua leitura e compreensão da Língua Portuguesa. Era comum, em suas escritas, percebermos a troca do P pelo B, por exemplo, ou escrever uma palavra da mesma maneira que a ouvia. Em minha concepção, esse foi o primeiro grande desafio, pois ainda apresentava dificuldades de adaptar e explicar um conteúdo de Língua Portuguesa para um aluno que tinha dificuldades na sua codificação, principalmente em produções textuais.

Para além das questões escolares, lidar com um aluno com neurodivergência requer muito apoio escolar, familiar e terapêutico. No acompanhamento escolar que venho realizando junto ao aluno, é perceptível a maneira como suas notas afetam diretamente sua autoestima, e a forma como ele lida com as frustrações baseadas apenas em uma avaliação, a qual é apenas classificatória, somativa e tradicional, não averiguando realmente o que o aluno aprendeu.

Para a realização de intervenções, que serão discutidas no decorrer deste trabalho, tomamos, inicialmente, conhecimento da proposta pedagógica da escola e do material didático, bem como fizemos uma análise da adaptação dada

pela professora de Língua Portuguesa a esse material para fins de aprendizagem dos alunos.

Além do livro didático e da gramática, a professora responsável também envia aos alunos fichas que buscam explicar de uma maneira mais didática o conteúdo. Em posse de todos esses materiais, buscamos investigar as melhores formas de uso deles para o entendimento de Francisco sobre os assuntos ali tratados. No seu caso, utilizamo-nos de mapas conceituais, com uso de palavras-chave e associações do conteúdo a algo relacionado a sua rotina, como o futebol.

Este relato será minuciosamente desdobrado em três seções primordiais: a complexidade da dislexia e suas múltiplas facetas, a singularidade do gênero aula particular como ambiente de aprendizagem personalizado e as metodologias ativas como instrumento essencial na compreensão e adaptação das atividades. Ao contrastar e integrar os aprendizados obtidos desses dois tópicos iniciais, buscamos entender como um estudo acurado pode beneficiar significativamente o desenvolvimento educacional de alunos com dislexia.

1. Entendimentos iniciais

1.1 Dislexia

A priori, para iniciar o relato de caso de Francisco, faz-se necessário entender de maneira mais aprofundada a dislexia. Por isso, neste tópico, abordarei seus sintomas, seus traços e características, assim como suas implicações para o desenvolvimento do aluno.

A dislexia, assim como a disortografia, a disgrafia, a discalculia, o TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade) e outros transtornos, é classificada pelo MEC como Transtorno Funcional Específico (TFE) (MEC, 2008). Essa nomenclatura deve-se ao impacto que esses transtornos têm na funcionalidade da pessoa em áreas específicas, sendo que, no caso da dislexia, a leitura e a escrita são as mais afetadas. As causas da dislexia podem ser variadas; no entanto, diversos estudos indicam uma base genética para a dislexia do desenvolvimento e outros distúrbios de leitura. Conforme Nico e Gonçalves (2020, p. 23), “evidências atuais demonstram que a dislexia é familiar

(encontrada em cerca de 23% a 65% de crianças cujos pais são disléxicos e em 40% de irmãos de disléxicos)".

A neuropsicologia vê, segundo Olivier (2007), que a dislexia pode ser percebida através de lesões em partes do cérebro afetando os hemisférios responsáveis pela linguagem. Os tipos de dislexia dependem do campo que será escolhido para a pesquisa. No campo educacional, é mais interessante buscar entender a dislexia através da perspectiva psicopedagógica, que se baseia nas características que os indivíduos demonstram em relação à aquisição da linguagem.

Nessa perspectiva, Olivier ressalta três tipos de dislexia: inata, adquirida e ocasional. A dislexia inata é uma condição ligada à área cerebral, que acompanha o indivíduo desde o seu nascimento, podendo ter diversas causas, como a alteração hemisférica cerebral ou dos cromossomos, não sendo reversível, mas com a possibilidade de acompanhamento de diversos profissionais, como fonoaudiólogo, neurologista e psicopedagogo. A dislexia adquirida pode ser desenvolvida a partir de acidentes, podendo afetar todo o cérebro, sendo o acidente mais comum a anoxia – ausência ou diminuição de oxigênio no cérebro. O último tipo definido por Olivier (2007) é a dislexia ocasional, que acontece a partir de situações em que o indivíduo esteja com altos níveis de estresse e cujo tratamento seria apenas repouso.

A dislexia classifica-se ainda em disfonética (fonológica/auditiva), diseitética (ortográfica/visual) ou mista, de acordo com Barreto (2009). Esta última é a presença dois tipos de dislexia, provocando quase a total incapacidade para a leitura (Barreto, 2009), pois a dificuldade dos pacientes ocorre tanto na análise fonética das palavras quanto na percepção de letras e palavras completas.

A primeira incide quando a pessoa possui dificuldades na integração letra-som e erros de discriminação auditiva, tornando-se um desafio ler palavras desconhecidas, reconhecer os sons da língua, separar sílabas, soletrar e grafar (Barreto, 2009). Exemplos disso são: troca de fonemas e grafemas (moto – modo); a alteração na ordem das letras e sílabas (azedo – adezo); omissões e acréscimos de letras (escola – ecola, nem – neim); substituições de palavras por sinônimos ou trocas de palavras por outras visualmente semelhantes (infâmia – infância).

A segunda refere-se às dificuldades em relação à leitura, como sequenciar uma história, situar os dias da semana, distinguir letras e palavras parecidas, perceber globalmente as palavras, ou seja, unir o conjunto de letras que a compõem, lendo lentamente através da decomposição das palavras nos seus fonemas (Barreto, 2009). Exemplos ilustrativos são: a realização da leitura silábica, sem conseguir a síntese das palavras (comigo – com-migo): as aglutinações e fragmentações de palavras (fazer isso – fazerisso, enquanto – em quanto); a troca por equivalentes fonéticos (vaca – faca, pato – bato); e a maior dificuldade para leitura do que para escrita.

Para minimizar o impacto negativo causado por esse transtorno, é imprescindível que o diagnóstico seja feito precocemente. Inicialmente, esse diagnóstico é possível a partir das observações do(a) professor(a), complementadas pelas percepções da família, que são os que convivem diariamente. A maior questão em torno desse diagnóstico talvez seja o seu custo elevado e a demora para atendimento por parte do sistema público de saúde. O laudo possui um valor elevado e, por isso, não é acessível para todas as famílias, sendo um grande obstáculo na vida de alunos de baixa renda, podendo inclusive levar à evasão escolar. Muitas vezes, o professor em sala de aula, pela alta demanda de estudantes, não consegue auxiliar o aluno da maneira que gostaria e que deveria, podendo inclusive não perceber tais dificuldades.

Nos primeiros anos de vida, os sintomas são discretos e podem se assemelhar a outros transtornos comuns na infância, sendo necessário um profissional ou uma equipe multidisciplinar para realizar o diagnóstico. Os sinais da dislexia podem ser identificados antes e durante a pré-escola e na idade escolar, conforme se observa no quadro abaixo:

Quadro 1 – Sinais da dislexia durante as fases do desenvolvimento

Antes e durante a pré-escola	Durante idade escolar
Demora para começar a falar	Dificuldade na aquisição de habilidades linguísticas
Palavras mal pronunciadas	Dificuldade na aquisição e automação da leitura e escrita
Atraso na nomeação das cores	Dificuldade de análise e síntese de um som de uma palavra

Antes e durante a pré-escola	Durante idade escolar
Elaboração de frases confusas	Pobre reconhecimento de rima e aliteração
Nomeação pouco precisa	Discurso não fluente
Emprego de palavras substitutas inadequadas	
Prejuízo no processamento fonológico (importante fator preditor)	
Dificuldade em refletir sobre os sons das palavras e reconhecer fonemas, rimas e aliterações	
Dificuldade em nomeação rápida	
Dificuldade com a memória de trabalho verbal	
Fraco desenvolvimento da coordenação motora	
Dificuldade na memorização do alfabeto.	

Fonte: Nico e Gonçalves (2020, p.33)

Outros aspectos da dislexia que impactam a aprendizagem em geral são: dispersão e dificuldades em “retirar do quadro” para realizar cópia; confusão ao indicar esquerda ou direita, ao usar listas e mapas; e ainda dificuldade na coordenação motora fina e/ou grossa e na montagem de quebra-cabeças.

No que tange à Língua Portuguesa, em específico, há outras dificuldades, que iremos explicitar por habilidade, no quadro a seguir.

Quadro 2 – Dificuldades no âmbito da Língua Portuguesa

Habilidade	Descritivo
Leitura	dificuldade na fluência e na velocidade da leitura (leitura lenta e silabada, com diversas incorreções, como trocas de letras ou sílabas); no reconhecimento da palavra pelo contato visual direto; na leitura de palavras e orações simples; na decodificação e na compreensão da informação lida.

Habilidade	Descritivo
	Obs.: Na leitura silenciosa, perdem a linha de leitura e precisam do apoio articulatório dos lábios. Na leitura, há demasiada fixação do olho na linha e, tanto na leitura como na escrita, recuo para uma linha anterior ou transposição de uma linha.
Escrita	frases e textos confusos em termos de conteúdo; qualidade da letra má e irregular; contaminação de erros, reduplicação de sílabas, de palavras e frases.
Léxico	vocabulário pobre e pouco expansivo: dificuldade em selecionar palavras adequadas para se comunicar; substituição de palavras por outras mais ou menos parecidas ou a criação de palavras, entretanto, com significados diferentes, por exemplo: soltou/salvou, era/ficava.
Análise linguística	disnomia; dificuldade em segmentar sílabas, aliterações, rimas, em aprender canções e participar de brincadeiras que envolvem sons da fala (produzir rimas, por exemplo).
Ortografia I	muitos erros ortográficos, inverte a escrita de letras ou números, por exemplo “p”/”b”, “m”/”n”, “f”/”v”, “n/z” ou “9”/”6”, “3”/”5”, ou inverte de forma total ou parcial palavras; erros involuntários; altera a ortografia e sequência de letras na estruturação das sílabas e das palavras; confundem/invertem/substituem letras, sílabas ou palavras.
Ortografia II	desordem entre letras com distinções simples de grafia: a-o, c-o, e-c, f-t, h-n, i-j, m-n, v-u, etc. desordem entre letras com grafia semelhante: b-d, b-p, b-q, d-b, d-p, d-q, n-u, w-m, a-e. transposições parciais ou total de sílabas ou palavras: me-em, sol-los, som-mos, sal-las, pal-pla.

Fonte: própria autora (2025)

Em outras áreas disciplinares, também se revelam dificuldades. Por exemplo, em Matemática, pessoas com dislexia apresentam acentuado déficit na grafia de letras e números, falta de habilidades ao realizar cálculos e compreender enunciados de situações-problemas. Além desses sintomas, a dislexia pode vir associada a outras comorbidades ou TFE, sendo as mais comuns o TDAH, o transtorno do processamento auditivo central (PAC), a

discalculia, a disgrafia, a disortografia e as dificuldades emocionais, como baixa autoestima, depressão, ansiedade, imaturidade em relação à idade cronológica, dentre outros prejuízos psicológicos.

Conforme Nico e Gonçalves (2020) orientam, para encaminhar o estudante para uma possível intervenção é importante que antes haja uma avaliação multidisciplinar, a qual apontará as áreas mais afetadas, que certamente indicará o grau da dislexia – leve, moderado ou severo – e a existência ou não de comorbidades associadas.

Após essa avaliação, deverá haver um encaminhamento terapêutico. Se a criança ainda não for alfabetizada, preferencialmente será acompanhada por um fonoaudiólogo(a), além de, também, por um psicopedagogo(a). Este(a) é a primeira opção para as crianças maiores e já alfabetizadas, pois é o profissional que irá trabalhar leitura, escrita, conceitos matemáticos, interpretação de texto etc. Outras especialidades também podem ser consideradas, como a terapia ocupacional e a psicomotricidade, para alunos com dificuldade na coordenação motora fina.

Além desses profissionais, é importante ressaltar que a dislexia pode afetar a autoimagem e a autoestima da pessoa e, por isso, se faz necessário um acompanhamento emocional, e um psicólogo pode ser indicado. Associado a isso, a figura do professor em sala de aula tem um papel crucial para evitar que esses alunos sejam excluídos de alguma maneira pelas suas limitações. Acompanhar o aluno e adaptar atividades didáticas e avaliativas é um caminho para que haja diminuição dos impactos negativos desse transtorno. É sobre esse aspecto que iremos discorrer a seguir.

1.2 Metodologias Ativas e o ensino de Língua Portuguesa

Diante das mudanças no cenário educacional, as instituições, assim como seus docentes, precisaram buscar maneiras de se adequar à plasticidade cerebral nos jovens, surgida em decorrência da era digital e acentuada, ainda, pelo contexto pandêmico iniciado em 2020.

É nesse contexto pandêmico que se popularizam, ainda mais, as chamadas metodologias ativas, vinculadas à tendência pedagógica da Escola Nova. Consistem em novas formas de realizar o processo de ensino-

aprendizagem através do uso intensificado das novas tecnologias, por meio da educação remota, buscando priorizar a formação de um estudante protagonista de sua aprendizagem. Valente, Almeida e Geraldini (2017) conceituam metodologias ativas como

[...] estratégias pedagógicas para criar oportunidades de ensino nas quais os alunos passam a ter um comportamento mais ativo, envolvendo-os de modo que eles sejam mais engajados, realizando atividades que possam auxiliar o estabelecimento de relações com o contexto, o desenvolvimento de estratégias cognitivas e o processo de construção de conhecimento (Valente, Almeida, Geraldini, 2017, p.464)

O benefício do uso dessas metodologias é maior comparado à metodologia tradicional, em que apenas o professor é “detentor do conhecimento”, pois concebem os alunos também como personagens importantes de seus próprios aprendizados, além de promoverem a cooperação, a reflexão e a diversificação dos estilos individuais de aprendizagem. São exemplos de metodologias ativas: gamificação, aprendizagem baseada em problemas, *storytelling*, instrução por pares e mapas conceituais. Essas inovações de ensino estão ligadas, também, à Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018), visto seus benefícios apontados, implicitamente, nela:

[...] reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável requer muito mais do que o acúmulo de informações (Brasil, 2018, p.14).

As metodologias ativas também podem ser de importante uso nos casos de alunos que possuem alguma neurodivergência, pois diversificam as estratégias de ensino-aprendizagem, adaptando-se às necessidades dos alunos. No caso das minhas aulas com Francisco, busquei utilizar os mapas conceituais, para que, quando ele fosse estudar, o texto estivesse otimizado e explicado de maneira simples e clara. Além disso, por causa da dislexia, o foco na leitura era facilmente perdido; assim, a disposição visual do mapa favorece a leitura e a organização dos conceitos-chave. Em muitos casos, construímos juntos os mapas, tanto com a sua escrita, quanto com as diferentes ilustrações que ele consegue desenvolver bem.

Os mapas conceituais, através de estratégias discursivas esquemáticas, buscam estruturar o conhecimento por via processual, em que os conceitos acerca de um determinado assunto vão se ampliando a fim de construir uma grande rede de conhecimentos, cada vez mais significativos. Dessa maneira, o aluno inicia do conceito base de um conteúdo e vai se aprofundando à medida em que o lê.

Desenvolvidos por Joseph Donald Novak, na década de 70 nos Estados Unidos, os mapas mentais baseiam-se especificamente na Teoria da Aprendizagem Significativa de David Ausubel – para a qual os conhecimentos da mente humana são hierarquizados e organizados, e, com o aparecimento de novos assuntos, as estruturas vão mudando e aumentando. Dito isso:

Para Novak, uma estratégia para favorecer a aprendizagem significativa é a partir dos conceitos mais gerais e inclusivos e, assim, progressivamente pormenorizar e especificar tais conceitos, o que pode ser feito de forma otimizada utilizando como estratégia pedagógica os mapas conceituais, que se dão por meio de representações gráficas semelhantes a diagramas (Neves, Mercanti, Lima, 2018, p. 160).

Os mapas mentais estruturam-se a partir de representações gráficas, que podem ser feitas por meios digitais – atualmente existem inclusive aplicativos voltados para essa finalidade – ou manuais – sendo estes os de minha preferência, pois, muitas vezes, a tecnologia, pela variedade de distrações, tirava o foco do aluno da construção dos mapas. O mapa sinaliza as relações existentes entre o conteúdo e seus subtemas, dos mais aos menos abrangentes, através dos nós (palavras-chave ou frases curtas) e elos (símbolos de ligação). Essa ferramenta tem um cunho construtivista, permitindo a nós, professores, e aos estudantes elaborar e estruturar o conhecimento a depender do entendimento mútuo de maneira cooperativa e compartilhada. Além disso, estimula o estudo prévio do conteúdo para o desenvolvimento do mapa.

Para a construção do mapa, previamente, o estudante precisa identificar o conceito, organizar como o mapa será desenhado – geralmente da melhor maneira para visualização – e como será relacionado o conceito principal com os conceitos ligados a ele. No caso da Língua Portuguesa, ao trabalhar um conteúdo gramatical, por exemplo, busco apresentar seu conceito resumido de maneira centralizada e criar ramificações, através de setas e/ou traços, para

suas classificações/tipos e exemplificações. Dessa maneira, fica mais fácil de o aluno visualizar e compreender as classificações e os conceitos de uma maneira mais organizada.

2. Análise da Experiência

2.1 Metodologia

Este relato trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo-interpretativo, com base em uma reflexão sobre um processo de intervenção pedagógico, realizada através do método indutivo, de acordo com Lakatos e Marconi (2003). Segundo os autores:

Indução é um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas. Portanto, o objetivo dos argumentos indutivos é levar a conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam (Lakatos, Marconi, 2003, p.86).

Para o desenvolvimento do relato reflexivo, baseei-me em dois dos três elementos fundamentais para toda indução, segundo Lakatos e Marconi (2003): (a) observação dos fenômenos, apresentando as observações e análises das aulas particulares com o aluno para a discussão; (b) descoberta da relação entre eles, indicando a inter-relação entre ensino de Língua Portuguesa e dislexia, assim como meus métodos para que o aluno compreendesse os conteúdos.

Realizamos um estudo exploratório que busca compreender de maneira mais aprofundada a dislexia e seus efeitos no aprendizado de português, com maior foco em práticas que auxiliam no aprendizado do aluno, a partir da reeditação do material didático por meio de uma metodologia ativa, o mapa mental.

Foi a partir das aulas particulares que desenvolvi essa metodologia junto ao aluno. Nos anos escolares, em muitos casos, os pais são os principais aliados dos alunos, pois são eles, juntos à escola, que percebem as dificuldades apresentadas na aprendizagem. Alguns alunos necessitam de apoio especializado, a depender da dificuldade da matéria ou da presença de algum

transtorno de aprendizagem. Esse apoio pode vir de um professor particular, baseado na necessidade de reforço escolar.

Existem quatro tipos de reforço escolar: a monitoria – que a própria escola oferece aos alunos; o reforço propriamente dito – que o professor agenda com o aluno e trabalha principalmente a partir das suas atividades escolares; a tutoria *online* – que os professores agendam de modo *online* para tirar dúvidas dos alunos; e a aula particular – que é agendada individualmente com o aluno e com materiais do próprio professor para ajudar a sanar as dúvidas do aluno, a qual será o foco deste trabalho.

O gênero aula particular, embora raramente discutido no âmbito acadêmico, é uma forma de ensino individualizada que é largamente utilizada em nosso país. Busca, na maioria dos casos, sanar questões e dificuldades que não são possíveis de serem resolvidas em sala de aula, devido ao tempo e à quantidade de alunos. São aulas que dependem diretamente das necessidades do aluno. No caso dos que possuem neurodivergência, é um complemento para o aprendizado escolar, pois, com auxílio de um professor, conseguem ter um atendimento de maneira mais adaptada e direcionada.

Esse tipo de acompanhamento, além de pedagógico, é emocional. O professor de aula particular une-se aos pais e à escola – mesmo que indiretamente – para buscar os melhores resultados do seu aluno. Assim, esse gênero envolve acompanhamento pedagógico e emocional, orientação (organização das matérias, dos materiais e indicação do modo de agir dos pais perante determinada situação) e mediação (redidatização individualizada do conhecimento científico). O conteúdo das aulas depende das dificuldades que o aluno apresenta. No caso de Francisco, o aprendizado e a prática da Língua Portuguesa.

Professores de aula particular também são chamados de "reforço", pois, por vezes, apenas ensinam as tarefas e atividades requeridas pela escola ou fazem revisão de conteúdo para provas e avaliações. No meu caso, também iniciei meus atendimentos dessa maneira, mas, com a demanda de novos alunos com dificuldades de aprendizagem, precisei criar junto a eles métodos, como mapas mentais e resumos, para que estudássemos para as avaliações e obtivéssemos êxito.

Minha história com as aulas particulares começa muitos anos antes de Francisco, em 2019. Por muitos anos, fui professora particular de Língua Portuguesa e Inglesa para alunos dos anos finais do ensino fundamental, tendo alguns, inclusive, diagnósticos de TDAH. Embora o TDAH possua muitas maneiras de afetar o aluno, poucos deles realmente tinham dificuldades ortográficas e semânticas; os problemas eram, no geral, gramaticais e coesivos que, para mim, até aquele momento não foram desafios, mas algo comum na área em que estava construindo uma formação, algo aprendido na universidade.

O acompanhamento de aula particular mudou de sentido para mim quando conheci a história de Francisco e sua dificuldade com a área de linguagens. De início, meu acompanhamento com ele era apenas em Língua Inglesa, mas, conforme ele iniciou o sexto ano do ensino fundamental, em 2023, a Língua Portuguesa passou a ser, também, a temática das nossas aulas. Como mencionado, ele não possuía um laudo complementemente formado e, por isso, ficava mais difícil direcionar a melhor forma de ensiná-lo. Esse passou a ser o meu maior desafio como professora particular: buscar uma metodologia que o fizesse aprender de maneira mais efetiva a Língua Portuguesa, apesar das dificuldades acentuadas pela dislexia, a princípio não diagnosticada.

2.2 Vivência com o aluno

Em maio de 2022, um menino muito tímido, mas sorridente, e uma mãe muito simpática abriram as portas de sua casa para me receber e, depois daquele dia, sem saber, meus rumos pedagógicos estariam claramente definidos. Inicialmente, nossas aulas eram apenas de língua inglesa, mas no ano seguinte, em 2023, surgiu o desafio de ministrar aulas particulares de Língua Portuguesa para Francisco.

Ao iniciar as aulas, o aluno tinha 11 anos, e é notável sua constante mudança durante esses anos em que caminhamos juntos. Hoje, com 13 anos, Francisco é um menino que se destaca pela vontade de estudar, por cumprir suas responsabilidades enquanto aluno e mostrar constante preocupação com seu desenvolvimento nas matérias. Na sua entrada para os anos finais do ensino fundamental, em 2023, apresentou dificuldades nas matérias, por causa do

processo de diagnóstico de dislexia, para a finalização do seu laudo e por ser o início de uma fase que exige mais do aluno.

No que tange à Língua Portuguesa, o aluno apresenta dificuldade de leitura, perde-se facilmente entre as linhas e não reconhece as palavras pelo contato visual direto; na escrita, reduplica sílabas, palavras e frases, realiza erros ortográficos e tem dificuldade em selecionar palavras adequadas para se comunicar.

A dislexia não afeta a inteligência do aluno, portanto, Francisco seguiu com o mesmo nível intelectual desde o começo, mas agora aprendendo e desenvolvendo táticas de estudo e revisão para as provas, como, por exemplo, um caderno de revisão. Ademais das questões comportamentais da idade, Francisco sempre foi um menino muito solícito a realizar as demandas escolares nas nossas aulas, sendo também muito atencioso comigo durante as aulas.

Por semana, são diversas as atividades que temos que realizar. A professora utiliza muito o material didático para que exercitem em casa, então, sempre há demanda de Língua Portuguesa. O aluno tanto realiza muitas atividades em sala, quanto em casa. Para o estudo de Língua Portuguesa, são reservadas três tardes durante a semana para estudarmos, com duração média de duas horas.

Nossas aulas particulares são baseadas nas atividades de casa e conteúdo para as provas indicados pela professora de Língua Portuguesa em sala. O material usado foi o livro didático *Português: Linguagens*, de William Cereja e Carolina Dias Vianna, a gramática *Aprender e Praticar*, de Mauro Ferreira, e o livro de Produção Textual *Todos os Textos*, de William Cereja, de Carolina Dias Vianna e Paula Baracat.

Para estudarmos, utilizamos as fichas de conteúdos que a professora também utiliza em suas aulas – que não serão inseridas aqui em decorrência dos direitos autorais. Esses materiais são atualizados e sempre buscam do aluno a articulação entre diversas capacidades linguísticas e discursivas, além do conhecimento de mundo; o aluno precisa saber aliá-los às atividades de Língua Portuguesa corretamente.

Para desenvolver minha didática com Francisco, baseei-me, primeiramente, na concepção de aprendizagem sociointeracionista de Vigotski.

Segundo o psicólogo russo, o conhecimento constrói-se a partir das interações com o mundo físico e social.

Na concepção de Vigotski, o homem se constitui enquanto ser social e necessita do outro para desenvolver-se, desta forma, defende a perspectiva de que a aquisição de conhecimentos acontece por meio da interação do indivíduo com o meio, considerando sempre a individualidade de cada sujeito, o qual pertence a um meio social e cultural que o define. Tal perspectiva justifica seu pensamento denominado de sociointeracionistas (Matos, Santos, 2020, p.4).

Além dessa concepção de aprendizagem, o sociointeracionismo também norteou a concepção de linguagem adotada nas práticas que realizei:

...ao tomar o sociointeracionismo como concepção norteadora do trabalho com a linguagem, a língua deixa de ser concebida como um sistema fechado de regras e passa a ser compreendida como forma de interação. Cabe ao professor elaborar estratégias de trabalho que consideram diversos textos/contextos em que a linguagem se faz necessária, para que o aluno aprenda a adequá-la às diversas situações que encontra em seu dia a dia, sejam elas formais e informais, orais e escritas (Gedoz, 2012, p.130).

Associada às concepções sociointeracionistas, Freire (2024) fala sobre a aprendizagem na perspectiva do educando, em que considera que o ensino deveria partir da realidade do aluno e do contexto em que ele vive. Por isso, achei importante pensar sobre o contexto em que o aluno estava inserido, aliado às vivências que ele possuía.

Francisco, assim como a maioria dos adolescentes de sua idade, possui hábitos comuns: jogar e assistir futebol – com uma paixão pelo Náutico, jogar videogame/jogos de celular e trocar cartas Pokémon. Eu, como entendo muito pouco de tudo isso e torço apenas figurativamente pelo Sport, senti a necessidade de buscar diferentes estratégias de ensino que trouxessem, pelo menos, algum desses seus interesses. Incontáveis aulas lembro de estudarmos e assistirmos, pelo meu celular, algum jogo. Algumas vezes, o jogo ficava apenas de fundo sonoro, e, em outras, era utilizado para trabalhar algum assunto, como, por exemplo, quando expliquei sobre variação linguística e usamos o sotaque do narrador como exemplo para entender o tipo de variação.

Das estratégias que busquei no ensino de Língua Portuguesa para Francisco, duas, para mim, foram fundamentais no seu aprendizado e no seu resultado: jogos e mapas mentais. O primeiro foi essencial para a fixação do

conteúdo, pois, ao explicar um assunto e tirar dúvidas, buscava na internet jogos que pudessem fundamentar, através de perguntas ou desafios, os conhecimentos adquiridos. Através dos jogos, além de revisar e sistematizar o assunto, tornava a aula mais dinâmica; ele conseguia se aproximar de mim e se sentir confortável quanto às dúvidas e questionamentos.

O segundo, o foco deste relato, os mapas mentais, foram as medidas mais eficientes que encontrei na consolidação da aprendizagem de um conteúdo junto ao aluno. Na escola particular em que estuda, o currículo de Língua Portuguesa é dividido em: Gramática, Literatura e Produção Textual. Por causa da dislexia, a compreensão da Língua Portuguesa, no geral, torna-se mais difícil, acontecendo muitas trocas nos conceitos e dificuldade na identificação e classificação de termos ou categorias da língua em questões.

Para ilustrar tal dificuldade, trarei como exemplo a dúvida que tivemos sintaticamente no ano de 2024. Para conceituar seu capítulo sobre Sintaxe, os autores Paschoalin & Spadoto⁵ (2008, p.228) expressam: “As palavras dependem umas das outras: é nas relações e combinações entre elas que seus significados se tornam mais completos e compreensíveis”. Por causa dessa relação que a sintaxe estabelece entre as palavras, de que uma depende da outra para possuir um significado, o aluno precisa entender desde os conceitos dos termos nucleares até os termos ligados ao nome e ao verbo para conseguir compreender melhor sintaticamente um termo. Há, por isso, a necessidade de esquematização desses variados conceitos para uma melhor explicação, pois, por exemplo, além do conceito de sujeito, existem seus 5 tipos e algumas regras de identificação.

Na compreensão e produção de texto, os questionamentos são diferentes. A professora sempre está estimulando a criticidade, seja através das atividades de compreensão leitora que passa por meio de fichas e exercícios de casa, seja através dos temas e gêneros das produções textuais, ancorados em textos motivadores diversos, que abrangem as novas mídias, como vídeos e imagens. A docente, portanto, ancora suas práticas nos chamados letramentos multissemióticos dos textos contemporâneos, que ampliam a noção de

⁵ Optei por essa gramática, pois sua linguagem é mais clara, objetiva e direta, em comparação ao material selecionado pela escola.

letramentos (leitura e escrita) para o campo da imagem, da música e das outras semioses. Segundo Moita-Lopes e Rojo (2004),

O conhecimento e as capacidades relativas a outros meios semióticos estão ficando cada vez mais necessários no uso da linguagem, tendo em vista os avanços tecnológicos: as cores, as imagens, os sons, o design etc., que estão disponíveis na tela do computador e em muitos materiais impressos que têm transformado o letramento tradicional (da letra/livro) em um tipo de letramento insuficiente para dar conta dos letramentos necessários para agir na vida contemporânea (Moita-Lopes & Rojo, 2004).

Ou seja, muitas vezes, as questões que estão nos livros, recheadas de tirinhas, cartuns, e até *QR Codes* que levam a vídeos externos, exigem do aluno uma inter-relação entre as linguagens às quais, na maioria das vezes, não está acostumado. Por isso, preciso explicar de maneira mais clara, assim como adaptar o material – o que será apresentado no decorrer deste trabalho. Além disso, no caso de Francisco, há, também, a dislexia, que dificulta o aluno entender o sentido da questão.

2.3 Análise do material desenvolvido

Para o desenvolvimento desta análise, selecionei três mapas mentais que realizei em 2023 com Francisco, um para uma prova de Produção Textual e outros dois para uma prova de Língua Portuguesa. É importante explicitar que o aluno utiliza os mapas que produzimos como forma principal de estudo, para revisar antes da prova e para entender melhor o conteúdo.

Para montar um mapa mental, seja ele de qual for o conteúdo, busco seguir alguns passos de redidatização para que o assunto fique claro para mim e para ele. Primeiramente, leio junto ao aluno o conteúdo que devemos utilizar para construir o mapa – há assuntos que são muito densos e não se adequam a um mapa mental. Após a leitura, busco identificar o tópico geral, hierarquizar as ideias e, em seguida, começo a distribuí-las e organizá-las. É durante essa construção do mapa que busco descontextualizar os exemplos gerais encontrados no conteúdo e trocá-los por exemplos mais próximos da realidade do aluno, pois, lendo aquele exemplo de algo que ele entende, ele pode usá-lo em outras questões.

O primeiro mapa (apêndice 1) a ser discutido aqui foi construído a partir do conteúdo do gênero textual Resenha Crítica, para uma prova de Produção Textual. Por ser um assunto que havíamos trabalhado de maneira prática antes, devido a uma atividade que a professora solicitou para construção de nota, nós focamos a aula na criação do mapa mental para revisão do conteúdo. A escrita e formulação de texto para Francisco é um ponto de maior dificuldade, pois ele precisava saber como se estrutura o gênero e escrever suas ideias conforme essa estrutura, além de corrigir as trocas na sua ortografia – como a troca do "p" pelo "b".

Na resenha crítica a ser construída na prova que ele faria, assim como em todas as produções vinculadas a esse gênero, o aluno precisava mostrar seu ponto de vista e fundamentá-lo com argumentos. Assim, decidimos montar um mapa mental centralizado na folha, com setas que ligassem cada tópico a um conceito e seu exemplo.

Primeiramente, centralizei o tópico "O que é?" explicando o que significava uma resenha crítica. O ponto central, na verdade, é explicar de maneira muito didática o que é um argumento, pois é a partir dele que se constrói uma resenha crítica. Meu primeiro questionamento foi: De que maneira um menino de 12 anos iria apresentar um argumento conforme sua realidade? – Mesmo não sabendo o significado de argumentação, eles explicitam vários em situações do dia a dia.

Segundo Koch (2006), a argumentação é a ação verbal de levar alguém a aceitar uma tese, utilizando recursos que demonstrem a sua consistência. Para Francisco entender de maneira mais didática, usei um exemplo do seu próprio cotidiano. Para ilustrar, coloquei, abaixo do conceito de argumento, o que ouvi dele pedindo à mãe: "Para justificar o porquê de querer sorvete, Francisco diz que merece, pois estudou muito e tirou 10 em inglês". O argumento dele é o estudo e a boa nota. Esclarecendo a argumentação e trazendo para sua realidade, usei a explicação no trecho de uma resenha crítica sobre Ziraldo, trazida pela professora. Para finalizar o mapa, na parte de trás, coloquei a estrutura de uma resenha crítica, enumeradamente, para que ele conseguisse seguir esses passos quando fosse realizar a produção. Além disso, discuti junto a ele essa estrutura em uma resenha crítica já pronta.

Como resultado (apêndice 2) da mediação realizada, na atividade avaliativa que valia 3,0, Francisco tirou 2,5. Antes das nossas intervenções, o aluno tirava entre 6,0 e 7,0, valendo 10 pontos, de pontuação nas atividades avaliativas dessa disciplina. O objetivo da atividade era desenvolver uma resenha crítica de um curta-metragem assistido em sala, o *Hair Love*. Francisco conseguiu realizar com êxito o que foi proposto, desenvolvendo a estrutura que estudamos: introdução com as informações do curta, resumo da obra e opinião baseada em argumentos. As falhas indicadas na avaliação do texto pela professora foram: maior aprofundamento da análise, a falta de finalização com indicação do público-alvo e, quanto à organização, algumas partes do texto desalinhadas. Para uma versão sem reescrita, foi possível perceber que o aluno se apropriou e compreendeu corretamente a maior parte da estrutura, faltando apenas realizar as correções comuns a uma primeira versão de texto.

Para a análise dos mapas seguintes, é importante entender um pouco o conteúdo ensinado em sala. No sexto ano do ensino fundamental, o estudo da Língua Portuguesa, na disciplina de Gramática, enfoca o aspecto morfológico. Segundo Paschoalin & Spadoto (2008), morfologia é:

parte da gramática que estuda a estrutura mórfica das palavras, ou seja, as possíveis formas em que as palavras podem apresentar-se e os processos utilizados nesse tipo de formação. Pertence também à morfologia o estudo da classificação das palavras de uma língua em *classes de palavras* ou *classes gramaticais* (Paschoalin, Spadoto, 2008, p.23).

Por ter o foco nas classes de palavras, o estudo morfológico fica mais simplificado que o sintático, sendo mais fácil explorar o conteúdo e montar mapas mentais de maneira mais didática e sucinta.

No segundo e terceiro (apêndices 3 e 4) mapa mental, estudamos dois conteúdos: artigo e numeral. Pôr o numeral ser um assunto com o qual o aluno tem contato desde os anos iniciais do ensino fundamental, o mapa foi feito de maneira mais simples, apenas rememorando o que ele já sabia, centralizando o conceito de numeral e ramificando suas classificações, associadas aos exemplos que a professora colocou em ficha. Usamos também, como suporte, uma tabela com todos os tipos de numerais e seus exemplos.

Na construção da parte sobre artigo, precisei de mais espaço e mais reidatização. Esse mapa foi feito junto ao aluno: coloquei os tópicos, e

completamos juntos os conceitos, usando como base a ficha que a professora entregou em sala. Iniciamos explicando o que é artigo e puxamos ramificações para seus tipos – definidos, indefinidos e contrações. A parte mais densa são as exceções em seu uso, as quais anotei enumeradamente, para que fosse possível lembrar, e adicionei exemplos.

Para fixação desses conteúdos, realizamos as atividades do livro didático e da ficha de revisão que a professora enviou. O material enviado é baseado em análise linguística que, segundo Mendonça (2022):

são parte das práticas de letramento escolar, consistindo numa reflexão explícita e sistemática sobre a constituição e o funcionamento da linguagem nas dimensões sistêmicas (ou gramatical), textual, discursiva e também normativa, com o objetivo de construir para o desenvolvimento de habilidades de leitura e de escuta, de produção de textos orais e escritos e de análise e sistematização dos fenômenos linguísticos (Mendonça, 2022, p.197).

Na ficha, as questões trabalhadas utilizavam como base textos para que o aluno respondesse de maneira contextualizada acerca do assunto, como identificar no texto os tipos de artigo e o porquê de eles estarem sendo usados com o termo que estavam acompanhando.

Como resultado da mediação realizada, na prova valendo de 0 a 10, Francisco tirou 8,0. Conseguiu realizar com êxito questões com texto de base, como as citadas, com assertivas de Verdadeiro ou Falso, de identificação e classificação nas frases, e de uso correto, tanto do numeral quanto do artigo (anexo 1). O resultado obtido foi muito importante, pois foi essencial para entender como estava o entendimento do aluno sobre os conteúdos, além da melhora no cômputo de nota para aprovação semestral.

Considerações Finais

O propósito deste relato foi refletir e analisar uma experiência exitosa de uma professora em formação ministrando aulas particulares para um aluno com dislexia. Essa experiência, muito proveitosa tanto para mim quanto para o aluno, moldou a minha formação e meus objetivos profissionais pós-formação

acadêmica, tendo proporcionado uma melhor experiência de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa.

O uso do mapa mental como metodologia ativa para aprendizagem de um aluno com dislexia apresentou-se um recurso exitoso de ensino; com ele, o aluno consegue estudar previamente, esquematizar seus conhecimentos e revisar para as atividades avaliativas com mais facilidade. Foi a partir das adaptações criadas para o aluno e dos resultados obtidos que percebi uma nova ótica do ensino de Língua Portuguesa: mais aberta às dificuldades e mais inclusiva.

A parceria desenvolvida entre mim e a família do aluno promoveu diferentes olhares sobre as neurodivergências, assim como mudou a minha maneira docente de olhar os desafios pedagógicos que aparecem em minha trajetória profissional. Esse repensar como professora fez-me modificar as estratégias não apenas educacionais, mas ter um olhar diferente para a vida, pois foram incontáveis as vezes em que troquei aprendizados com o aluno e com sua família a partir de vivências e desafios que ainda não tinham sido possíveis imaginar.

Faço desse meu aprendizado um desejo para a educação brasileira: que os futuros educadores venham com um propósito de inclusão e que as oportunidades aqui obtidas se espalhem para as diferentes escolas pelo país, pois, apenas com uma educação inclusiva, democrática e adaptada às realidades do aluno, o fazer educacional torna-se possível. Sinto que ainda estou distante das muitas realizações que busco, mas, nesse contexto com o aluno Francisco, alcancei meu papel educacional, pois as transformações que o aluno passou até os dias atuais estão formando um excelente e dedicado estudante.

Para concluir, expresso minha profunda gratidão à família de Francisco, em especial a sua mãe, Juliana, pela oportunidade de participar ativamente da educação de Francisco como sua professora de Língua Portuguesa. O carinho e o cuidado que ela, Francisco e seu irmão André têm comigo são combustíveis para me tornar a melhor professora que posso ser.

Referências

BARRETO, Monique Antunes de Souza Chelminski. Caracterizando e correlacionando dislexia do desenvolvimento e processamento auditivo. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 26, n. 79, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

_____. Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. 2008.

_____. **LEI Nº 14.254, DE 30 DE NOVEMBRO DE 2021**. 2021. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2019-2022/2021/lei/L14254.htm.

Acesso em: 11 jul. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 78. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.

GEDOZ; Sueli. Concepção sociointeracionista de linguagem: percurso histórico e contribuições para um novo olhar sobre o texto. **Trama Revista de Ciências Sociais y Humanidades**, v.8, n.16, p.139–152, 21 ago. 2012.

LOPES, L. P. M., ROJO, R. H. R. Linguagens, códigos e suas tecnologias. In: BRASIL/MEC/SEB/DPEM. **Orientações curriculares de ensino médio**. Brasília: MEC/SEB/DPEM, 2004, p. 14-56. Disponível em: http://web.nac.com/rrojo/Roxane_Rojo/Espa%C3%A7o_Blog/Espa%C3%A7o_Blog.html. Acesso em: 10 jan. 2025.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MATOS, Helen Carla Santos; SANTOS, Leidiana. Psicologia, Aprendizagem e Educação. Aspectos psicopedagógicos e psicossociais. Educação e infância. **Anais Educon 2020**, São Cristóvão/SE, v.14, n.11, p.113, set. 2020. Disponível em: <https://www.coloquioeducon.com> Acesso em: 02 jan. 2025.

MENDONÇA, Márcia. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. In: BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Márcia. **Português no ensino médio e formação de professor**. 2 ed. São Paulo: Parábola, 2022, p.187-218.

NEVES, Vander José; MERCANTI, Luiza Bittencourt; LIMA, Maria Tereza. **Metodologias ativas: perspectivas teóricas e práticas no ensino superior**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

NICO, Maria Ângela Nogueira; GONÇALVES, Aurea Maria Stavale. **Como lidar com a dislexia: um guia prático para pacientes, familiares e profissionais da educação e da saúde**. 4. ed. São Paulo: Hogrefe, 2020.

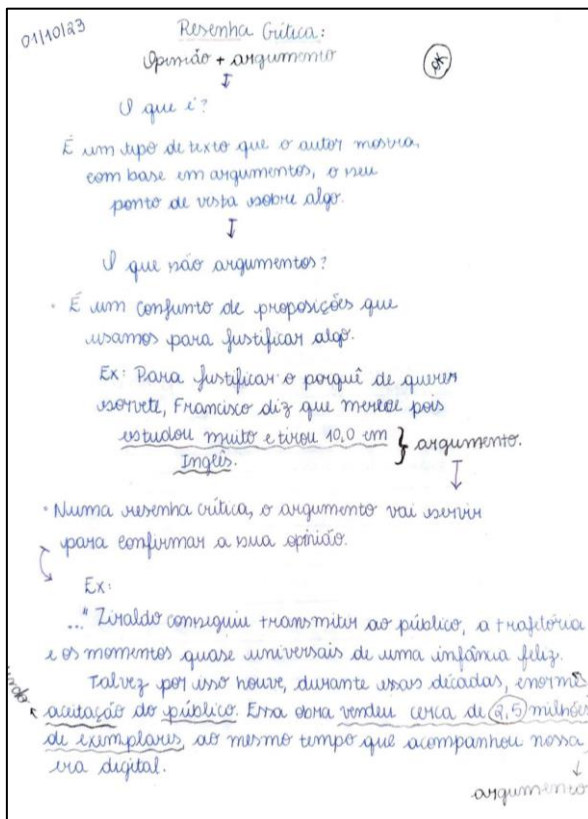
OLIVIER, L. **Distúrbios de Aprendizagem e de Comportamento**. 2.ed. Rio de Janeiro: Wak, 2006.

PASCHOALIN, Maria Aparecida; SPADOTO, Neusa Terezinha. **Gramática teoria e exercícios**. São Paulo Fdt, 2008.

VALENTE, José Armando; ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; GERALDINI, Alexandra Flogi Serpa. Metodologias ativas: das concepções às práticas em distintos níveis de ensino. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 17, n. 52, p. 455-478, 26 jun. 2017.

Apêndices

Apêndice 1 – Mapa mental da resenha crítica



Apêndice 2 – Exemplo de produção textual

PRODUÇÃO DE TEXTO

NOTA: 2,5

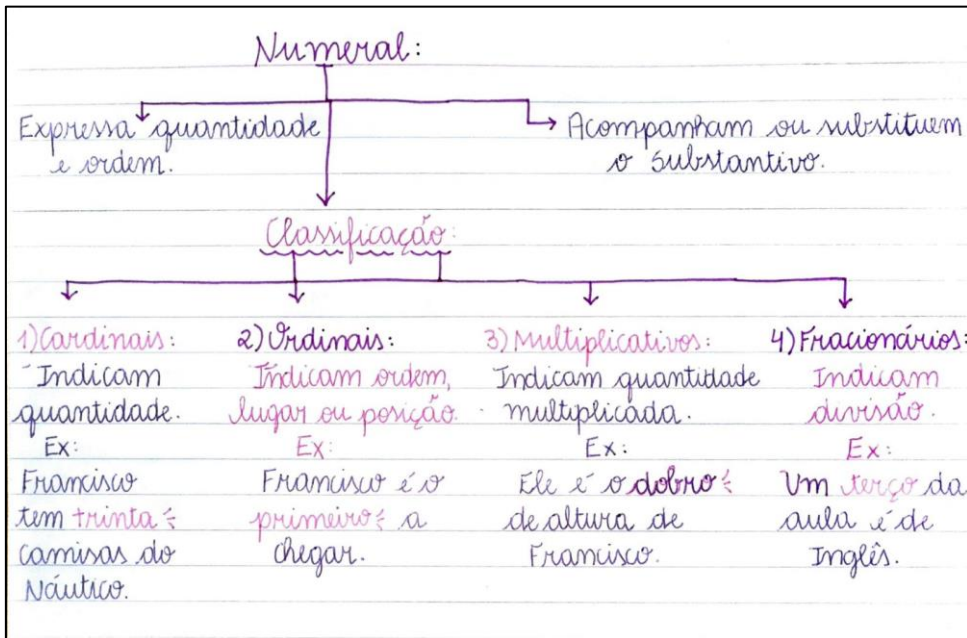
título: Resenha crítica da curta "Háix bose"

1. A curta "Háix bose" tem duração 6 minutos, com
 2. a história de uma família. Na história, a menina
 3. tem problemas para fazer penteados no seu cabelo
 4. e, a boa relação deprimida com a cabelo que
 5. vive a família.
 6. A menina queria um cabelo emoldado e o pai
 7. não sabia fazer. Ela tentou sozinho, não conseguiu
 8. e ficou triste. O pai então, no quarto e com
 9. ajuda da mãe que a mãe fez conseguiu fazer o
 10. penteado na menina. ^{que ficou muito feliz}
 11. A curta, ganhou o Oscar em 2020, pois é
 12. muito bom para ensinar crianças ^{em idade} adultos como
 13. é importante cuidar da família e do cabelo da meni-
 14. na. Viu a família em um momento muito
 15. triste, com sua mãe com câncer. ^{Apresenta mais a família}
 16. A curta é muito bom, pois a mãe que tem
 17. câncer e o pai encarna as dificuldades da
 18. vida. → Apresenta uma família e pais e filhos.

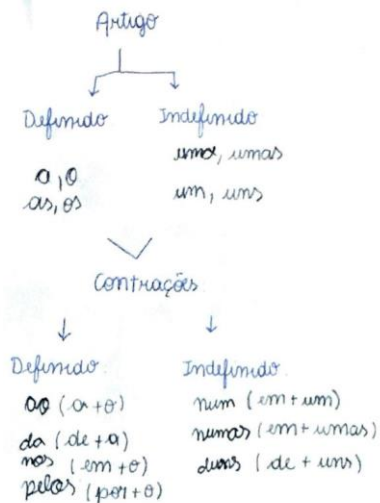
19.
20.
21.
22.
23.
24.
25.
26.
27.
28.
29.
30.

Aluna: Ana Carolina

Apêndice 3 – Mapa mental de numeral



Apêndice 4 – Mapa mental de artigo



- ① Se usam artigos com casa e terra, quando estiverem **especificados**.
Ex: Eles estavam na casa **de André**.
- ② Não pode usar artigo após euje.
Ex: Ente **e** o pai euje filho desapareceu.
- ③ Não pode usar com nome de pessoas.
- ④ Alguns nomes de lugares admitem que o artigo venha antes.
Ex: Pernambuco **é** lindo (x)
O Maranhão **é** encantador (✓)
- ⑤ Quando as características vêm antes do nome do lugar, pode colocar artigo. Ex: O belo Recife.

Anexos

Anexo 1 – Exemplos de questões da prova

01. Considere o texto a seguir e responda:

Sustentabilidade é desafio para a mobilidade urbana

Ações no transporte de massa visam reduzir emissão de gases nas grandes cidades do Brasil

Pensar a mobilidade urbana de maneira sustentável é um tema de interesse global. O futuro das metrópoles passa pela redução dos impactos ambientais causados pelos transportes de massa. No Brasil, algumas cidades encontraram soluções para diminuir as emissões de gases do efeito estufa, enquanto o país ainda esbarra em desafios para avançar nesse sentido.

SUSTENTABILIDADE é desafio para a mobilidade urbana.

As reportagens costumam apresentar um título e um subtítulo (que fica abaixo do título principal). **Com base no trecho apresentado, qual é a função do subtítulo?**

- Promover uma interação com o leitor, de modo que ele consiga identificar todas as informações sobre o texto.
- Complementar as informações apresentadas no título, de forma a ampliar e especificar melhor o assunto tratado.
- Apresentar informações diferentes do título, mostrando outra versão dos fatos e outros ângulos da informação.
- Resumir o texto e mostrar ao leitor diferentes posicionamentos sobre o assunto e como este está presente na sociedade.

2) Leia o texto que segue.

O lápis

O lápis moderno foi inventado pelo químico francês Nicolas Conté e por Joseph Hardtmuth, austríaco, nos trabalhos independentes. Eles criaram a técnica de aquecer por altas temperaturas uma mistura do grafite em pó com argila e formar pequenos bastões. Estava inventado o grafite duro, e até hoje os lápis são fabricados por esse processo.

a) Reescreva, do texto, sem repetir, 5 artigos, que também podem estar combinados ou contraidos.

3) Leia estes títulos de notícias.

1. Acre é o primeiro estado a promover encontro sobre trabalho infantil

<http://www.agencia.ac.gov.br/acre-e-o-primeiro-estado-a-promover-encontro-sobre-trabalho-infantil/>

2. Um quarto da população trabalha em casa, indica estudo do IBGE

<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/um-quarto-da-populacao-trabalha-em-casa-indicaestudo-do-ibge-2dfkue88hzm8iqj1 bs9fn7f2/>

3. Número de crianças gripadas é quase o dobro do ano passado

<https://www.folharondoniense.com.br/noticias/numero-de-criancas-gripadas-e-quase-o-dobro-do-ano-passado/>

4. Cinco projetos urbanos que transformaram suas cidades

<https://www.archdaily.com.br/br/892086/cinco-projetos-urbanos-que-transformaram-suas-cidades>

Considere o contexto acima e assinale V (verdadeiro) ou F (falso) para as afirmações que seguem.

() Temos a presença de numerais nos títulos 1, 2 e 4 apenas.

() A expressão "um quarto" indica um cômodo (lugar) da casa onde as pessoas normalmente realizam as suas atividades profissionais, segundo o IBGE.

() "Cinco" informa a quantidade de projetos urbanos que transformaram cidades.

04. Identifique se as palavras destacadas nas frases são artigos ou numerais.

a) Das laranjas que comprei, **uma** estava estragada.

b) Somos três irmãos; dois são professores e **um** é advogado.

c) Eu li **um** conto cujo conflito envolvia **um** só personagem.

d) Apenas **uma** das quatro faixas da avenida estava interditada.
